

# ○ FAUNO ○

Reedição  
digital do conto  
“O Fauno”

Ilustrada por:  
Beatriz Marques  
Adrian R.  
Marisa Tenente

CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO

Adrian R. • *O Fauno* • 2019



## **Ficha Técnica:**

**Título:** Conto “O Fauno” in Illuminuras (contos e novellas)

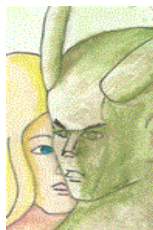
**Autor:** Carlos Augusto Lyster Franco, professor e diretor da Escola de Desenho Industrial de Pedro Nunes, no início do séc. XX, atual Escola Secundária Tomás Cabreira, escola sede do Agrupamento com o mesmo nome.

**1ª Edição:** Faro. 1908.

**Reedição digital:** BEAETC – Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira, Faro.

Julho. 2019.

**Ilustrações:** Beatriz Marques, Adrian R., Marisa Tenente (alunos da escola secundária de Tomás Cabreira, turma 12º 4ª de Artes Visuais, professora Dulce Bulha).



Edições BEAETC – Coleção Cont’Arte – Publicações e homenagens a atuais e antigos autores do Agrupamento de Escolas Tomás Cabreira.

A presente edição digital surge inserida no Projeto Cont’Arte da RBE, que tem como objetivos recordar e homenagear antigos e atuais alunos, professores e assistentes das escolas do Agrupamento Tomás Cabreira, promovendo a leitura e divulgação das suas obras.

Edição digital anotada e atualizada (segundo o acordo ortográfico de 1990)

# O FAUNO

À EX.<sup>MA</sup> SR.<sup>A</sup> D. \* \* \*

Cada instante que decorre  
é para mim, desgraçado!  
um desejo assassinado  
ou uma ilusão que morre.

*António Feijó*

Era encantador o sítio!

Tenho-o tão presente na memória como se o véu do passado, rasgando-se, viesse mostrar-mo tal qual outrora o via.

No parque, ao fim de uma alameda sombreada por viridentes<sup>1</sup> carvalheiras, sobre um rendilhado<sup>2</sup> plinto<sup>3</sup> guarnecido de festões<sup>4</sup> graciosos,



Beatriz Marques • *O Fauno* • 2019

---

<sup>1</sup> Verdes, viçosos, que verdejam.

<sup>2</sup> Delicadamente trabalhado e ornado.

<sup>3</sup> Base quadrada de coluna ou pedestal.

<sup>4</sup> Ornamento, adorno.

com floreados de pedra que encantavam a vista, destacando-se em toda a pureza das suas linhas, alvejava o busto risonho de um velho Fauno<sup>5</sup>, primorosa escultura em estilo Renascença. E próximo... muito próximo, havia um banco rústico, cujas lajes a hera revestira num demorado amplexo<sup>6</sup>.

Jasmins e violetas, vegetando em redor, sob a cariciosa proteção das sombras, perfumavam o ambiente.

De todo aquele harmonioso conjunto resultava o interessante efeito de uma aveludada tapeçaria verde servindo de fundo a um motivo de Sévres<sup>7</sup>, tão finos eram os labores da cantaria e insinuante o perfil do Fauno.

Entrelaçando, em vigorosos amplexos seus troncos cobertos de rugas e revestidos de musgo cor de esmeralda, árvores seculares formavam, ali, um amplo dossel<sup>8</sup>, uma vasta cúpula movediça e sussurrante. E as tolhas secas, cor de oiro e púrpura que, no outono, caíam pelo chão, transformando-se em fantástica alcatifa, abafavam, discretas, o ruído dos passos.

Eu amava o sítio, o banco e aquele Fauno sorridente.

Vê-los era para mim evocar, em todo o magnífico esplendor dos seus ignorados mistérios, as florestas encantadas que a Mitologia povoou de Ninfas<sup>9</sup> e Centauros<sup>10</sup>, de Faunos e Sílfides<sup>11</sup>.

Cheguei até a considerar aquele gracioso Fauno como sendo a imagem

---

<sup>5</sup> Divindade campestre (deus dos rebanhos e dos pastores), borboleta

<sup>6</sup> Abraço

<sup>7</sup> Região francesa

<sup>8</sup> Estrutura formada pelas copas das árvores.

<sup>9</sup> Divindade dos rios, selvas e montes. Mulher jovem e formosa.

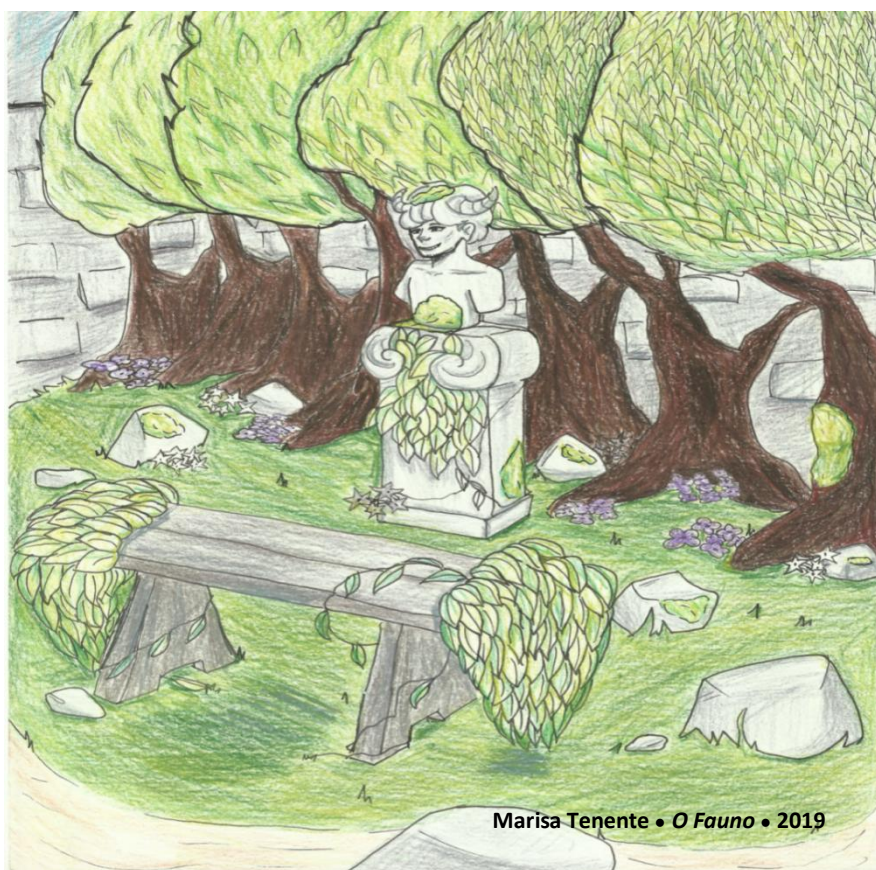
<sup>10</sup> Monstro fabuloso, meio homem meio cavalo.

<sup>11</sup> Génio feminino do ar, na mitologia céltica e germânica da Idade Média. Mulher franzina e delicada.

sublime de Pan — o lascivo deus dos bosques — o eterno perseguidor das tímidas pastoras.

Muitas vezes, contemplando-o, assaltavam-me os mais descontraídos pensamentos.

Ora um grande sentimento de dó vinha pungir<sup>12</sup>-me vendo-o, ali, tão desacompanhado e exposto aos rigores do tempo, ora me dominava uma imperiosa vontade de mutilá-lo, de atirar-lhe pedras, provocado pelo seu sorriso friamente zombeteiro e escarninho<sup>13</sup>.



---

<sup>12</sup> Atormentar, afligir.

<sup>13</sup> Menosprezo.

Todas as tardes, quando o sol desaparecia no horizonte, afogando-se em nuvens de púrpura estriadas<sup>14</sup> de fogo, eu ia devanear<sup>15</sup> para aquele banco rústico.

Nele adormeci muitas vezes, ao som harmonioso do chilrear das aves, só despertando quando a friagem da noite se fazia sentir.

Um dia — lembro-me bem, muito bem — adormeci e... sonhei muito.

E, foi constante protagonista do meu sonho, o velho Fauno carcomido<sup>16</sup>.

Vi-o, então, contraindo toda a expressiva máscara de pedra, mobilizar a linha hirta dos seus lábios.

Maravilhado, eis as sentidas frases que lhe escutei:

— «Quem me dera volver<sup>17</sup> aos doces instantes de outrora!

Quanto eu era feliz!

Jamais a Ambição e o Egoísmo haviam turbado<sup>18</sup> a quietação<sup>19</sup> do meu espírito, comparável em serenidade aos grandes lagos tranquilos!

Vivia alegre... muito alegre, contemplando, apazivelmente, a exuberância destas velhas árvores que me rodeiam e caridosas envolvem, com a sua sombra protetora, a minha forçada nudez.

Mas um dia — trágico e desventurado dia aquele! — uma linda Mulher pisou o trilho deste atalho, sentou-se neste banco e descansou, alguns momentos, sob esta mesma sombra, lendo um livro pequenino em cujas páginas, matizadas<sup>20</sup> de finas iluminuras, estelantes ornatos de oiro reluziam.

Não quis o sol expirar, naquela saudosa tarde, sem que os seus últimos

---

<sup>14</sup> Riscadas.

<sup>15</sup> Fantasiar, sonhar.

<sup>16</sup> Gasto.

<sup>17</sup> Voltar.

<sup>18</sup> Desassossegado.

<sup>19</sup> Tranquilidade.

<sup>20</sup> Coloridas.

raios flamejassem, numa perturbante alegria de oiro, entre os cabelos ondulosos e fulvos<sup>21</sup> da gentil Desconhecida!

Seduzido pelo voluptuoso perfume daquela flor de carne, deslumbrado pelas curvas irrepreensíveis do seu corpo esbelto, contemplei-A com um entusiasmo feito de adoração, olhei-A com apaixonado amor!

Que linda era!

Branca e graciosa como um lírio, encantava-me toda a euritmia<sup>22</sup> do seu vulto ideal e, do alto do meu plinto eu apenas sabia envolvê-LA num olhar terno e cobiçoso.

Ela veio, depois, muitas tardes, ler, sentada naquele banco rústico, o seu livrinho de iluminuras finas.

E assim começou a sua presença a constituir a mais completa das minhas venturas, o mais desejado dos meus idílios<sup>23</sup>.

Tornei-me, porém, ambicioso... muito ambicioso! Desejei tê-la sempre junto de mim e, quando nos dias chuvosos, ela não vinha, sentia-me triste... profundamente triste.

Até a chuva me parecia mais insuportável e fustigante!

Se os dias eram de sol, os seus raios sentia-os eu como se fossem línguas de fogo lambendo a minha rígida epiderme sedenta, sempre, da carícia meiga de um olhar d'Ela!

Apenas sossegava sob a dulcíssima influência dos seus olhos cor do céu em que eu — pobre sonhador -- imaginava promessas de indizíveis venturas.

Neste delírio apaixonado e veemente, ambicionei, também, os seus beijos, cujo sabor nunca experimentado, eu idealizava delicioso e tendo,

---

<sup>21</sup> Alourados, de cor meio avermelhada.

<sup>22</sup> Justa proporção.

<sup>23</sup> Sonhos, fantasias.

para mim, a misteriosa atração das coisas ignoradas.

Desejei ouvir, a todos os instantes, a suave melodia da sua voz, repetindo-me, em apaixonadas frases, mil protestos de amor e cobicei — oh! loucura! a posse daquele lindo corpo, cuja elegância arrebatadora resplandecia entre a nebulosidade do meu sonho de amor!

Ai de mim que assim esqueci que era talhado em mármore todo o meu vulto!

Um dia, Ela não veio.

Inutilmente a esperei... as horas pareceram-me séculos... e eu esperei muitas horas ... longas horas ... Ela nunca mais tornou!

Quando, perdidas todas as esperanças, me convenci de que Ela — a síntese de todos os meus sonhos de felicidade, — jamais voltaria, o meu desespero foi inigualável!

Acometeu-me uma dor extraordinária, pungentíssima<sup>24</sup> e chorei muito, muito!

Ainda hoje — e já tantos anos caíram como grãos de areia na ampulheta da Eternidade — choro a grande desdita da minha triste sorte e invejo os que podem aspirar, livremente, a posse da Mulher amada!”

Despertei...

O ar esfriara e o luar, rutilando<sup>25</sup> no orvalho que, em pingentes<sup>26</sup> de pérolas escorria dos lacrimais contraídos do pobre Fauno, caindo-lhe vagaroso pelas faces grotescas e pálidas, deu-me por instantes a ilusão de que o triste soluçava, convulsivamente, no mais angustioso de todos os prantos...

---

<sup>24</sup> Que dói em excesso.

<sup>25</sup> Brilhando.

<sup>26</sup> Em forma de gotas.